

## A SOCIEDADE NAS LÍNGUAS: ASPECTOS ANTROPOLÓGICOS

Lucinéia Contiero<sup>1</sup>  
Taíse Pasquini Olanda<sup>2</sup>

### RESUMO

De que modo as línguas surgem e somem e por que elas têm destinos diferentes são questões relacionadas aos seus usuários. As línguas são contingências da história, como eventos históricos também são contingências das línguas faladas pelos falantes. A história, portanto, é afetada pelas línguas, que são parte da história. O papel histórico das línguas tematiza esta pesquisa de professoras pesquisadoras. Como recorte, o fato de que os desenvolvimentos linguísticos e históricos estão, com frequência, interligados, ainda que tal relação seja obscurecida pelo estudo individualizado de historiadores e linguistas. Iluminar a fronteira entre os dois campos é propósito destas páginas centradas no objetivo de levarmos a perceber a relação entre línguas e sociedade – valiosa para professores da antropologia cultural. Tal viés de discussão também pode ser útil levando-se em conta o presente e o futuro perpassados pelas tecnologias da informação: as relações entre línguas estão mudando mundialmente e, na atualidade, a língua inglesa está profundamente implicada em tais processos. Oferecemos tal perspectiva elementarmente na condição de levarmos professores a compreenderem amplamente o fenômeno via língua inglesa avaliando sua importância e circunstâncias em um recorte de dados via teóricos como ANDERSON (1991); BERNAL (1997); FREEBORN (2006); MCCRUM (2010); OSTLER (2005); TORE (2015), entre outros que presenciaram o decorrer da pesquisa.

**Palavras-chave:** História das línguas; antropologia cultural; língua inglesa.

### INTRODUÇÃO

O que define os seres humanos é o fato de possuírem a capacidade de comunicação pela linguagem. Da antiguidade até hoje, porém, não foi possível determinar quando e como isso aconteceu, pois os estudos existentes têm resultados pouco esclarecedores. O que se tem certeza é que as línguas humanas têm existido há pelo menos cinco mil anos, porque essa é a idade aproximada dos primeiros textos escritos que se tem notícia. As primeiras línguas usadas na escrita, o sumério e o egípcio, têm as mesmas características gerais das que são faladas hoje. Parece seguro, pois, supor que as línguas tenham existido por um período mais longo, porém, não está claro por quanto tempo. Respostas aparentemente mais razoáveis se servem de dois tipos de evidências: informações sobre o desenvolvimento cultural geral do homem em tempos pré-históricos, fornecidas por achados e artefatos arqueológicos, e o desenvolvimento anatômico do ser humano – sobre

---

<sup>1</sup> Docente Pesquisadora da UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte/ Letras - Línguas Estrangeiras Modernas, lucineiacontieroufrn@gmail.com

<sup>2</sup> Docente de Língua Inglesa na Rede Estadual de Ensino do Paraná; Mestranda especial pela Universidade Estadual de Maringá; Especialista em Linguística pela Unyleya; Graduada em Letras/Inglês pela FAFIPA – Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Paranaíba/PR., taisepasquini2@gmail.com

o qual a arqueologia fornece material na forma de ossos de diferentes períodos. De porte desse material, é possível se chegar à conclusão de que nos últimos quarenta mil anos, aproximadamente, os seres humanos parecem ter sido tão inventivos e criativos quanto as pessoas de hoje.

Evidências arqueológicas sugerem que nossos ancestrais usavam línguas com gramáticas complexas e amplos vocabulários, semelhantes aos atuais, há pelo menos quarenta mil anos. Se quem produz ferramentas tem de ser capaz de falar, as línguas têm de ser existido por muito mais tempo, presumivelmente por volta dos duzentos mil anos. Mas não se sabe ao certo se realmente existe conexão entre as duas habilidades.

Toda língua é aprendida pela geração mais nova através das gerações mais velhas, portanto, as línguas são a personificação de uma tradição, a princípio imortal, conforme assegura Ostler (2003, p. 7). Elas persistem através do tempo conforme são transmitidas de uma geração para a próxima, o que as torna as principais características das sociedades. O estudo diacrônico das línguas fornece uma base valiosa para a divisão, classificação e distribuição de povos nos mais diversos territórios e continentes. “Cada língua possui sua chance de imortalidade, mas isso não significa que viverá para sempre” (OSTLER: 2006, p. 7, tradução nossa)<sup>3</sup>, e a história das línguas está repleta de muitas que foram extintas e fluxos históricos interrompidos devido ao seu “apagamento”.

Esses “apagamentos” são considerados um enorme desafio para a Etimologia, que busca no passado o trânsito e as origens de vocábulos e expressões. Antes do surgimento e sistematização da escrita, as línguas eram transmitidas apenas de maneira oral; no entanto, uma vez que uma cultura possui registros escritos, os primeiros passos do passado são investigados. A esse respeito, Ostler afirma que “se o sistema de escrita possui uma ligação clara com a língua falada” e, “apesar do início simbólico em registrar números e conceitos, na prática é impossível desenvolver um sistema de escrita totalmente funcional sem referência a palavras na língua falada”, então, “as pedras mudas, tábuas de argila ou peles de animais preservadas” começam a nos revelar “como a língua era realmente falada, talvez há milhares de anos” (2006, p. 11, tradução nossa).

vento das inovações tecnológicas. Damos um salto para afirmar que presenciamos impactos evidentes, modificando não apenas as formas de comunicação, mas também os próprios conceitos e significados refletindo as mudanças sociais, culturais e econômica que definem a sociedade contemporânea. As línguas são contingências da história, como

---

<sup>3</sup> “Every language has a chance of immortality, but this is not to say that it will survive forever” (OSTLER, 2006, p. 7).

eventos históricos também são contingências das línguas faladas pelas sociedades. A história, portanto, é afetada pelas línguas, que são parte da história.

O papel histórico das línguas tematiza este artigo. Como recorte, o fato de que os desenvolvimentos linguísticos e históricos estão, com frequência, interligados, ainda que tal relação seja obscurecida pelo estudo individualizado de historiadores e linguistas. Iluminar a fronteira entre os dois campos é o propósito destas páginas centradas em levarmos a perceber a relação entre línguas e sociedade; valiosa para professores de línguas, linguistas históricos, para historiadores e professores da antropologia cultural. Tal viés de discussão também pode ser útil levando-se em conta o presente e o futuro perpassados pelas tecnologias de informação: as relações entre línguas estão mudando mundialmente e, na atualidade, a língua inglesa está profundamente implicada em tais processos. Oferecemos tal perspectiva elementarmente através da língua inglesa, avaliando sua importância e circunstâncias por meio de teóricos como ANDERSON (1991); BERNAL (1997); FREEBORN (2006); MCCRUM (2010); OSTLER (2006); TORE (2015), entre outros.

### ***Etimologia e a busca pelo passado linguístico.***

Uma ampla gama de diversidade teórica que compõe o caminho da Etimologia abrange muitos aspectos que se complementam e que serviram como base para o surgimento de teorias posteriores sobre o passado languageiro humano. Não somente, contribuiu para os novos métodos de estudos durante os principais períodos da linguística histórica e as mudanças de paradigmas relacionados à essa ciência.

Segundo Viaro, “o étimo de uma palavra investigada é a forma equivalente da mesma palavra, imediatamente anterior a uma sintonia pretérita qualquer” (2002, p. 99). No entanto, para se chegar a um bom étimo não basta apenas ter boa imaginação ou conhecer alguns pares de línguas. A pesquisa etimológica necessita passar por etapas rigorosas e, mesmo assim, os étimos apurados sempre estão sujeitos à revisão. Viaro lembra que as propostas etimológicas oferecidas não podem ser aceitas como “verdades acabadas”; autores discordam entre si e propõem várias soluções e, não raramente, erram (2022, p. 102).

Na busca pelo étimo, todas as semelhanças identificadas não devem ser procuradas na sincronia atual, mas em sincronias pretéritas da língua, tornando-o de difícil rastreamento. Dada a semelhança de um mesmo étimo entre línguas quaisquer, há

a possibilidade de que possa ser meramente o resultado de coincidência, empréstimo ou origem comum. Portanto, toda e qualquer informação é relevante para desvendar a origem de uma palavra e, caso o étimo provenha de outra língua, tudo o que se sabe sobre essa língua, no tempo de transmissão do étimo também é de suma importância.

A falta de definição acerca de um melhor método etimológico durante o trabalho de distinção entre dados e reconstruções pode causar deficiências metodológicas e colocar em risco a veracidade do étimo apresentado – geralmente reforçado com dados paralelos e argumentação. No estudo etimológico, chama-se *terminus a quo* o método a ser empregado e toda investigação depende, portanto, da datação do limite mais antigo da forma investigada.

Conhecer a data de criação de uma palavra parece ser praticamente impossível, exceto em termos técnicos, pois ela é geralmente usada na fala e aparece na escrita muito tempo depois. A datação da ocorrência mais antiga é o único meio que permite saber sua utilização em determinado momento anterior, distante ou não. Portanto, de acordo com Viaro (2022, p. 110), é impossível renunciar à escrita, pois estamos nos referindo ao único acesso que temos hoje do passado, embora o homem não tenha feito registros por longos períodos da humanidade.

Todas as línguas variam socio linguisticamente no tempo e no espaço. Há discursos novos que ainda não foram registrados e há também os desconhecidos ou não analisados pelo linguistas, resultando em imensas lacunas que dificultam o estabelecimento entre o étimo e a palavra estudada. Na falta desses registros ou na presença de grandes lacunas, os etimólogos recorrem a formas imaginadas para possíveis reconstruções. Contudo, para que possuam caráter científico, precisam ser compatíveis com outras palavras da mesma sincronia pretérita. “Uma boa reconstrução, portanto, não pode ser *ad hoc*, mas deve servir não só para explicar uma única palavra-problema, mas um grupo de vocábulos” (VIARO: 2022, p. 121).

Há regras importantes utilizadas pelos etimólogos para o encontro de algumas soluções na proposta de um étimo: delimitação temporal precisa da sincronia pretérita à qual o étimo pertence; adequação do étimo ao sistema reconstruído também precisa ser reconstruída na mesma sincronia; conhecimento do contato ou da influência cultural entre as línguas; avaliação dos étimos em comparação com a palavra investigada; comparação das mudanças de significado do étimo e da palavra estudada em paralelo com outras palavras ou outros sistemas.

A etimologia observa que as mudanças ocorridas nas línguas estão, de alguma forma, ligadas e muitas delas possuem impactos sobre outras. As alterações fonéticas impactam diretamente a estrutura da língua. Os linguistas classificam essas alterações fonéticas em quatro categorias: adição, subtração, transposição e transformação.

Nas adições, um elemento qualquer que antes não existia na sincronia pretérita passa a existir na etapa estudada (*mora*, do latir, passa para o português como **amora**); nas subtrações, ocorre o inverso (*rosam*, do latim, passa para o português como **rosa**); nas transposições, um elemento do étimo não está no mesmo *locus* da palavra investigada (*semper*, do latim, passa para o português como **sempre**); e nas transformações, um elemento do étimo que ocupa um determinado *locus* na palavra é alterado completamente (*octo*, do latim, passa para o português como **oito**). Uma justificativa para essas alterações é o fato de que “o ouvinte, ao não visualizar com exatidão aquilo que o falante se refere, pode, com muita facilidade, tomar o todo pela parte ou esta pelo todo” (SALLES: 1995, p. 15).

As transformações semânticas também podem ocorrer em duas línguas do mesmo grupo em tempos distintos ou mesmo independentemente em duas línguas quaisquer. Há casos de similaridades que intrigam os linguistas. “Por exemplo, a ideia de ‘começar’, muitas vezes se desenvolve etimologicamente da ideia mais concreta de ‘pegar’ em um grande número de línguas” (VIARO: 2002, p. 189). A conclusão a que podemos chegar é que o verbo “pegar” era utilizado para indicar o início dalgum trabalho, ou seja, *pegar um instrumento para começar o trabalho*. Há outros fatores que impactam diretamente as transformações semânticas: homonímia e polissemia, analogias, hipercorreção, metanálise, dentre outros.

A pesquisa etimológica se dedica a tudo o que circunda a palavra estudada, portanto, o sistema ao qual ela está inserida desde a sua criação deve ser amplamente compreendido. A propagação das línguas é trans sistêmica, pois raramente ela pertence a um único sistema. As línguas possuem a capacidade de conservar e, ao mesmo tempo, inovar elementos pertencentes a uma sincronia pretérita. Sendo assim, acredita-se que seja impossível falar de línguas puras, tampouco de deterioradas, haja vista que todas se mostram alteradas devido a contatos mútuos que ocorrem desde a Pré-História.

A Sociolinguística Moderna forma uma grande intersecção com a Etimologia na compreensão de diversidade e da difusão das palavras e expressões entre grupos sociais dentro da mesma sociedade. Contudo, o etimólogo pode se deparar com a dificuldade de poder datar esses fenômenos, muitas vezes mascarados pela escrita padronizada.

Conforme afirma Viaro, (2022), a falta de preocupação com a sistematização, centralização e catalogação dos dados coletados ainda é uma realidade para o trabalho dialetológico devido ao fato de não haver qualquer espécie de museu ou acervo na *internet* que possa comprovar a existência de dados científicos, fazendo-nos depender apenas da palavra dos autores.

Um étimo pode sobreviver com a mesma forma até a sincronia atual ou tornar-se uma palavra arcaica. Transformações de sons que o compõem podem ocorrer, bem como alterações semânticas que geram infinitas formas de uso nas mais variadas circunstâncias. “A palavra, em todas as suas etapas (sempre admitida numa classe), participará de uma constelação de derivações e composições” (VIARO: 2022, p. 292).

A julgar por tudo que existe publicado, o fenômeno da nomeação etimológica segue perpassando séculos, atravessando sistemas linguísticos, superando obstáculos e, por fim, sobrevivendo como uma obra do acaso. A questão da interdisciplinaridade é de suma importância para a Etimologia – informações provenientes da antiga Etnologia, Antropologia e da História podem auxiliar na pesquisa etimológica.

“Os meandros de alguns vocábulos são praticamente imprevisíveis (...)” (VIARO: 2002, p. 296). Por outro lado, palavras que estiveram por muito tempo restritas à linguagem falada e que não possuem uma origem facilmente localizável na língua escrita não têm uma origem facilmente detectável. De acordo com Salles, “(...) a mutação fonética se dá inicialmente no nível de quem ouve a mensagem falada (e a veicula de forma imprecisa, portanto) e não de quem a transmite” (1995, p. 15). Esses fatores impactam fortemente nas descobertas das transformações sonoras pelas quais uma língua passou e, se sabemos quase nada sobre as sincronias pretéritas de uma língua, quaisquer propostas ou hipóteses de étimos acabam desprovidas de qualquer cientificidade. “Se não é possível determinar o *terminus a quo*, não há motivos para o famoso ‘chute’ etimológico” (VIARO: 2022, p. 310).

Quanto mais analisamos as línguas sob o viés etimológico, mais temos ideia da dimensão do que não sabemos e mais nos deparamos com as lacunas que permanecem separando o homem de sua própria história.

***O fenômeno técnico-científico: a língua inglesa como tendência na formação de palavras***

O padrão da humanidade evoluiu muito lentamente por milênios até a chegada da segunda metade do século XVII. A partir desse momento da História, acontecimentos marcantes como a Primeira Revolução Industrial (1760-184), dentre outros movimentos, trouxeram ao mundo uma nova era de inovações extraordinárias que evoluem de forma crescente e se multiplicam, afetando praticamente todos os aspectos de nossas vidas. A introdução da eletricidade ao mundo e a Terceira Revolução Industrial, também chamada de Revolução Digital, moldaram a maneira como o mundo está estruturado, criando questões e desafios únicos em diversos setores da sociedade como a política, filosofia, ciência, cultura e língua (PERELMUTER: 2019, p. 14-15).

Podemos afirmar que saímos de 1830 com o primeiro motor ferroviário a vapor até o atual transporte aéreo em massa, e do telégrafo ao telefone móvel, para transmissões globais de rádio e televisão, bem como redes de computadores eficazes. A sociedade passou a ter acesso ao armazenamento de diversos tipos de sons e música, imagens visuais e visualizações de eventos e ações à medida que eles ocorriam (OSTLER: 2005, p. 512). No tocante à prosperidade de todas essas conquistas e invenções está a ascensão do idioma que concentrou esforços e conhecimento: o inglês – considerado por cientistas, engenheiros e empresários como a língua em que o conhecimento mundial é definido.

Desde o estabelecimento da escrita cuneiforme por volta de 3500 a.C., nada havia sido tão eficiente em propagar uma língua até o surgimento da tecnologia, em especial a *internet*, fornecendo uma gama crescente de serviços e permitindo o contato direto entre diferentes pessoas ao redor do mundo (OSTLER, 2006; CRYSTAL, 2001.). A incorporação da tecnologia na sociedade contemporânea e as novas formas comunicativas possíveis impactaram essencialmente a linguagem, uma vez que nossas relações com os bens simbólicos, imateriais e materiais são renovados por completo e novos ambientes são criados proporcionando inúmeras possibilidades de utilização das línguas. Numa espécie de revolução linguística, as inovações tecnológicas emergentes dos últimos 30 anos elegeram o inglês como língua global (MARCHUSCHI; XAVIER, 2010).

O fenômeno acelerado do desenvolvimento técnico-científico tem propiciado a introdução de empréstimos de origem inglesa, ocasionando uma difusão de neologismos terminológicos. Segundo Desmet (*apud* SIQUEIRA, 2015, p. 724), “grande parte dos neologismos surge em decorrência da necessidade de denominação de novos conceitos e produtos das áreas técnicas, científicas e tecnológicas”. A criação de novos termos é vista como um processo dinâmico, resultante das transformações socioeconômicas e culturais, gerando novos significados até mesmo para termos existentes; um processo neológico

que pode ser formado por mecanismos autóctones ou por empréstimos de outras línguas. Quando novos fenômenos ocorrem, ou quando surgem novos conceitos ou objetos, aparecem novas palavras. Essas novidades são nomeadas na língua em que surgiram e é comum que nos apropriemos dessas palavras originais para expressar esses conceitos (GONÇALVES, 2016, p. 12). É preciso criar termos para expressar os inventos recentes e assimilar aqueles que provêm de línguas diversas. Muitas vezes, a criação de palavras é tão natural que pode parecer imperceptível aos falantes, e não nos damos conta de que algumas delas foram formadas por nós mesmos devido a algum fator condicionante.

A era tecnológica trouxe não apenas uma força transformadora para a nossa sociedade, mas também uma avalanche de anglicismos já registrados. Além do universo do consumo e dos negócios, há vasto conteúdo que alimenta a mídia da informação, entretenimento e publicidade, impulsionando a língua inglesa para falantes de outras línguas (FARACO, 2010). O surgimento de novos conceitos, tanto na língua geral quanto em termos de especialidade, refere-se diretamente aos neologismos: inovações linguísticas que podem apresentar-se sob a forma lexical (vocabular) ou sintática (frasal), podendo referir-se a um significante novo associado a um conceito existente; a um significante novo associado a um conceito novo ou a um significante novo associado a um conceito novo, chamado de neologismo semântico (SIQUEIRA: 2015, p. 80). A incorporação de neologismos pode, inclusive, ser entendida como uma capacidade natural de renovação do léxico da língua por meio da incorporação de novas unidades lexicais. É possível observar a dinâmica da língua e verificar as mudanças linguísticas através dos estudos neológicos ou pela incorporação de estrangeirismos ao léxico, e “a informática é uma das áreas de inovação tecnológica que mais tem contribuído para o surgimento de neologismos” (MARCHUSCHI; XAVIER: 2010, p. 12).

Novas formas comunicativas estão sendo proporcionadas graças à *internet*, permitindo a conexão de diversas redes e se tornando um espaço intermediário de integração entre elas (PERELMUTER, 2019, p. 63). Esse espaço é extremamente versátil e tão importante quanto as atividades comunicativas longevas, ao lado do papel e do som. É nesse terreno fértil de troca cultural e embate linguístico que possibilitamos a criação de unidades lexicais como forma de mudança de classe de palavras, ao mesmo tempo que informações são veiculadas e compartilhadas.

Casper Grathwohl (*apud* DAMAS, 2023), atual presidente da *Oxford Languages* da *Oxford Language Press* ressalta que a fluidez de um idioma “só é exacerbada no mundo de hoje, onde as mídias sociais permitem que novas ideias e conceitos sejam enviados e

recebidos, de um canto do mundo para outro, na velocidade da luz” (2023). Referindo-se ao inglês, Adam Bradley (*apud* DAMAS, 2023), professor de inglês e estudos afro-americanos na UCLA, diz que a língua está “mudando com cada canção, com cada *tweet*, com cada conversa que acontece entre negros americanos e a cultura mais generalizada”. Cada idioma atualmente em uso “vem sendo moldado de maneira parecida pelas culturas e subculturas que vivem com ele e se somam a ele”.

A palavra *bakkie* é um exemplo que mistura inglês e sul-africano, por exemplo, chegando a *pick-up*. Da mesma forma, a língua inglesa se serve de muitos outros termos originariamente africanos: *goober*, *gumbo* e *okra*, que sobreviveram à travessia do Atlântico com escravos africanos, e os usados popular e espontaneamente, como *cool*, *crib*, *hokum*, *diss*, *hip*, *hep*, *bad* e *dig* – fração minúscula das misturas entre esses povos.

Sonja Lanehart (*apud* DAMAS, 2023), linguista da Universidade do Arizona, atesta que “a etimologia de uma palavra e a história da palavra são extremamente importantes para se compreender como um idioma se desenvolveu, evoluiu e quem faz parte dele”. Cada idioma em uso vem sendo moldado de maneira parecida pelas culturas e subculturas na sociedade conectada.

No Brasil, há um cem número de formações de verbos usados a partir de termos recém-emprestados do inglês: *deletar*, *clicar*, *hackear*, *inicializar* são alguns. Muitas vezes, a mudança de classe vem acompanhada de mudança de significado. O verbo “iniciar” já faz parte do léxico, fazendo com que a apropriação do “inicializar” seja necessária, porém, o termo emprestado remete bem à operação de ligar o aparelho eletrônico, especializando-se justamente para essa finalidade (GONÇALVES: 2016, p. 14-15).

Os últimos séculos “inicializaram” a globalização da língua e da cultura. O termo globalização vem do início da década de 80 do século passado, por escolas estadunidenses de administração de empresas que apontavam para a construção de uma economia e cultura globais que privilegiaria a abertura de mercados nacionais, a flexibilização de políticas protecionistas, a intercomunicação em tempo real e a suposta prosperidade das diversas nações do planeta. No entanto, essa visão de globalização financeira, bem como a ideia de uma cultura globalizada, mais enfatizou um processo potencializador de exclusão social e política, de dependência econômica, de empobrecimento de certas regiões do planeta e da dominação cultural dos Estados Unidos sobre ex-colônias europeias. Aos poucos, teóricos de diferentes áreas entenderam a globalização como continuidade em relação ao expansionismo europeu, ao colonialismo de fins do século

XIX, e a constante reinvenção e reorganização do capitalismo para a superação de crises sistêmicas. Paul Smith (1997, p.14) define a globalização como “ideologia”, como “sonho do milênio” propagador da ideia de um “mundo integrado” e, ao mesmo tempo, acirramento de diferenças entre regiões pobres e ricas do planeta, dilemas e contradições de uma sociedade mundial cada vez mais fragmentada (JAMESON: 2000, p. 50). Isto porque a forma contemporânea e globalizada de acumulação de capital é, em muitos sentidos, continuação do colonialismo e imperialismo por outros meios; sendo o mais forte deles a transformação da cultura em economia, estabelecida sob absoluto gerenciamento dos Estados Unidos desde a Primeira Guerra Mundial. Desde então, à intervenção econômico-cultural soma-se a expansão da língua inglesa nos campos da Ciência, das relações internacionais, do comércio, do turismo e do entretenimento. Aos poucos, o inglês passou à “língua global da computação, da informação jornalística e do entretenimento mundial. O único corpo substancial que tenta manter uma língua estrangeira é a Comissão Europeia Francófona de Bruxelas, sempre na mira do poder da expansão da língua inglesa.

O inglês é mercadoria valiosa; os países hospedeiros representam, fundamentalmente, as antigas colônias britânicas e os países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento na Ásia, África, América Latina... a expansão do inglês tem escala planetária e sua valorização sistemática responde favoravelmente às demandas do capitalismo tardio. Há um imperialismo linguístico, não se nega, que caracteriza a expansão global do inglês enquanto há uma marginalização de línguas minoritárias. O que presenciamos hoje, afirma Gaytri Spivak (2000, p.23), “é a produção e a manutenção de um bilinguismo entre o inglês e, de outro lado, línguas maternas sistematicamente marginalizadas”. A África, para citar um exemplo, possui aproximadamente duas mil e cem línguas; dessas, há línguas que ainda não foram catalogadas enquanto outras estão em vias de extinção, o que dificulta uma estimativa precisa de línguas vivas no continente.

Estima-se que futuramente metade das línguas vivas no planeta desaparecerá, o que acarretará uma inestimável perda cultural para a humanidade. O surgimento de línguas hegemônicas resulta de condições materiais e históricas que favorecem determinadas línguas apenas. Assim, é crível que daqui a duzentos anos, possivelmente a língua inglesa terá perdido o posto que hoje ocupa. Em regiões e localidades específicas sempre ocorrem e ocorrerão disputas entre línguas pertencentes a povos distintos. No contexto mundial desses nossos tempos, o inglês, o espanhol e o mandarim são as línguas predominantes.

E dentre elas, o inglês é, hoje, a “língua franca do dinheiro e do poder” (JAMESON: 1998, p.59).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto a Etimologia concentra seus esforços na tentativa de elucidar os caminhos percorridos pelos vocábulos e expressões idiomáticas que foram obscurecidos devido ao advento tardio dos registros da linguagem, presenciamos hoje um contexto sociocultural, técnico-científico e econômico que se tornou terreno fértil para o “nascimento” em massa de vocábulos, expressões e conceitos que se incorporam às diferentes línguas pelo globo terrestre, especialmente através da língua inglesa – a língua do conhecimento humano. Não apenas presenciamos esse contexto, como estamos inseridos nele, nos tornando também responsáveis pelas mudanças que acompanham as línguas, uma consequência da atividade humana.

A tarefa de identificar, isolar um étimo e definir sua origem pode ser considerada impossível a depender do objeto investigado; ademais, um étimo jamais pode ser aceito como um produto acabado, pois permanecerá para sempre sujeito a revisões. A possibilidade de lacunas pertencentes à linguística histórica não serem elucidadas é uma realidade, independentemente do método a ser utilizado pelos linguistas. No entanto, a nossa observação e participação no atual contexto propício à criação de novos termos e enriquecimento lexical pode fornecer alguma esperança aos linguistas quanto à ocorrência do fenômeno.

## REFERÊNCIAS

- DAMAS, Aarom. Um dicionário oficial de inglês afro-americano. Fev 2023. Miami FL, Estados Unidos. <https://www.trustedtranslations.com/pt-br/blog> Acesso em 22.10.2024
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica: Uma introdução ao estudo da história das línguas**. 1ª Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: Uma breve história da humanidade**. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- JAMESON, Fredric. Globalization and political strategy, *New Left Review*, v. 4, 2000.
- MARCOTULIO, Leonardo Lennertz. Et. al. **Filologia, história e língua: olhares sobre o português medieval**. 1ª Ed. São Paulo: Parábola, 2018.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio; Xavier, Antônio Carlos. (Org.) **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucena, 2004.
- MCWORTHER, John. **The Power of Babel: A Natural History of Language**. 1ª Ed. New

York: Harper Perennial, 2003.

OSTLER, Nicholas. **Empires of the world: A language history of the world.** 1ª Ed. New

York: Harper Perennial, 2006.

PERELMUTER, G. **Futuro presente: O mundo movido a tecnologia.** Jaguaré, SP: Companhia Editorial Nacional, 2019.

SALLES, Ricardo C. **Passeando por Babel: uma viagem pelo fascinante universo verbal**

**do homem.** Rio de Janeiro: Opera Nostra, 1995.

SMITH, Paul. **Millenial Dreams – Contemporary culture and capital in the north.** New York: Verso, 1997.

SPIVAK, Gaytri. Translation as culture, *Parallax*, vol. 6, n. 1, 2000

VIARO, Mário Eduardo. **Etimologia.** 1ª Ed. São Paulo: Contexto, 2022.